



Professor Claudio Seri com sua turma

Se o professor é focado na formação pedagógica, o agente educador assume com oficinas, higiene, recreação e brincadeiras.

Ambos profissionais trabalham com a mesma turma em horários alternados no dia.

“A docência dedicada à infância é uma área profissional que ilustra a segmentação decorrente dessa perspectiva de divisão sexual do trabalho, com o trabalho das mulheres associado à esfera reprodutiva e o dos homens, à esfera produtiva. A educação de crianças pequenas é associada ao âmbito do trabalho doméstico e à esfera reprodutiva, sendo, dessa forma, naturalizada como área de atuação feminina”, afirmam as pesquisadoras Mariana Kubilius Monteiro e Helena Altman, no estudo “Homens na educação infantil: olhares de suspeita e tentativas de segregação”, produzido na Unicamp (Universidade de Campinas).

Ainda segundo elas, a visão de que há funções exclusivas de homens e de mulheres e que o trabalho executado por eles tem maior valor, é uma das razões que pontuam inclusive os salários praticados na educação infantil em relação à educação superior. E mais: ainda hoje muitos pais não aceitam que seus filhos tenham homens como cuidadores. Preconceito.

“Não há distinção entre mim e outra professora”, crava o professor, que iniciou sua trajetória na educação no ensino fun-

damental. “Sempre gostei de crianças e foi um processo natural passar para o ensino infantil. No começo, os pais ficaram curiosos. É natural. Queriam saber como seria o tratamento que eu daria aos alunos. Mas depois eles foram percebendo que não é o sexo que define um bom profissional. É a dedicação”.

Claudio Seri de Oliveira, 41 anos, concorda. Agente educador da IMI Jesus de Nazare, na Vila São Bento, ele está há cinco anos no ensino infantil. “Eu já havia trabalhado no conselho tutelar de Paraibuna e como catequista, e a educação infantil surgiu como uma oportunidade na minha vida”, contou. “Tem sido tranquilo. Fui muito bem acolhido pela equipe de professoras e pela direção, elas prepararam a comunidade sobre a minha entrada. Acho que tive sorte. Todos foram muito receptivos”.

Segundo ambos mestres, o desafio é conquistar a criança de forma a acolhê-la. “No primeiro dia de aula, lembro que fiquei assustado com o barulho. Eram 30 crianças correndo, gritando. De repente, você percebe que também está falando alto... Tem que se policiar. Mas depois, trouxe para a escola minha experiência como pai e como catequista, e as coisas começaram a se encaixar”, ri Claudio da lembrança.

“No começo me deu um friozinho na barriga, mas quando a gente faz o trabalho direito, ganha o reconhecimento dos pais. E estou há tantos anos aqui, que já dei aula para até três gerações da mesma família”, conta Paulo Sérgio.

» Cuidados

Segundo as pesquisadoras, a masculinidade é constantemente associada à violência. Por isso, o homem na lida com crianças ainda é visto com cautela por alguns pais. Mas esse preconceito cai por terra quando o “tio” da escola passa a fazer parte da família nos desenhos realizados em sala de aula.

“Eu sou tão profissional quanto qualquer outra professora. Depois de tantos anos na educação, os pais já perceberam que a malícia está nos olhos de quem vê”, afirmou Paulo Sérgio, que dá aula hoje ao Infantil 2, que corresponde a crianças de 3 e 4 anos de idade. “Não deixo, por exemplo, de levar uma criança ao banheiro ou ajudá-la se ela precisar. Sempre com muito cuidado e respeito, não por ser menino ou menina, mas por ser um ser humano em seu momento de intimidade. Se eu só levar os